

Conservação e valorização em Conímbriga

Projectos e obras

PEDRO ALARCÃO

As ruínas: antecedentes, projecto e obra

A primeira intenção de consolidação que levou, em 1930, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) a promover obras de limpeza e fortalecimento de alguns trechos da muralha romana de Conímbriga rapidamente se estendeu aos vestígios entretanto escavados e, nas duas décadas seguintes, a DGEMN realizou um extenso programa de reconstrução, onde a vontade de restauração se sobrepuja ao rigor da investigação. O programa delineado pelo arquitecto Baltazar de Castro, director da Secção Norte dos Monumentos Nacionais¹, encontrava em Vergílio Correia, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e director do Museu Nacional de Machado de Castro, o apoio da história e da arqueologia². Às largas faixas de escavação, que traziam à luz do dia os vestígios das edificações soterradas, correspondiam acções de valorização, com levantamento de paredes e colunas, para tornar os vestígios descobertos mais expressivos e mais fiéis à planta original. (...) *Trabalhos definitivos? Sem dúvida. Após tantas e tão descontinuidades tentativas, impunha-se a realização de uma obra completa, sem movimentos de hesitação ou de retrocesso, e que não deixasse atrás de si antigos ou novos problemas — obra de conclusão, em suma* (...) ³.

Reconstruídas as estruturas escavadas, Conímbriga atravessou um período de acalmia nos trabalhos arqueológicos, a que não foi alheia a situação económica e social vivida no país e a inesperada morte de Vergílio Correia, em 1944. Só a partir de 1955 são retomados trabalhos significativos em Conímbriga. Um novo impulso foi dado às escavações, agora com a preocupação de um maior rigor na sua realização, e iniciaram-se as campanhas de restauro dos mosaicos. Traçaram-se também as linhas de orientação para um plano geral de valorização: definiu-se a área de protecção e vedou-se todo o recinto, procedeu-se

à aquisição de terrenos e lançou-se o programa de criação de um equipamento de apoio ao público e aos serviços, que seria o futuro Museu Monográfico de Conímbriga. Protagonizaram este período, de acesas e interessantes polémicas sobre a intervenção, Amoroso Lopes, arquitecto que chefiava a Quarta Secção da Direcção dos Monumentos Nacionais, em Coimbra⁴, e Bairrão Oleiro, arqueólogo e professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entretanto contratado para prestar colaboração aos técnicos da DGEMN⁵. Em 1964, uma missão arqueológica coordenada pela Universidade de Bordéus, pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pelo Museu de Conímbriga iniciou novas campanhas de escavação, sob a direcção de Bairrão Oleiro, Robert Étienne e Jorge Alarcão. Os trabalhos, que decorreram até ao ano de 1971, puseram a descoberto o centro monumental da cidade romana e um conjunto de ínsulas, na sua proximidade. A falta de meios para intervir na área escavada ditou que a mesma permanecesse vedada ao público por mais de três décadas. Os anos setenta e oitenta do século XX corresponderam a um período de pouca intervenção de reconstituição nas ruínas, tendo sido realizadas as infindáveis opera-

Conservation and enhancement works in Conímbriga

This article focuses on the conservation and enhancement works carried out in Conímbriga over the years as a result of cooperation between the Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) and the Conímbriga Monographic Museum. The overall concern was to ensure total preservation of excavated material, minimum intervention, easily reversible restoration, the creation of visitor facilities compatible with preservation objectives, adaptation of restored external areas to leisure activities and the discreet addition of supporting equipment. The intervention included setting up a tourist information office.

1 | Conímbriga, praça do fórum, vista desde a entrada.

2 | Conímbriga, planta do fórum.

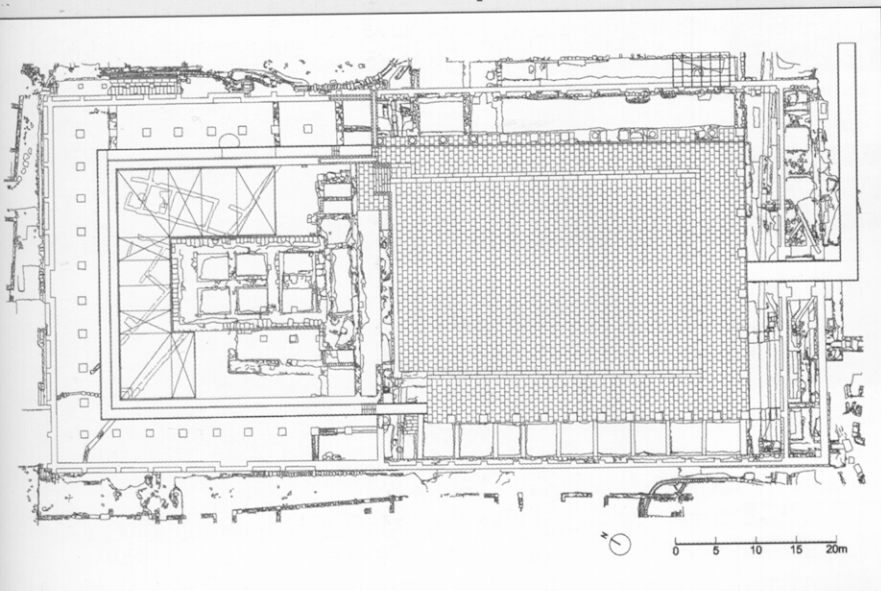
3 | Conímbriga, alçado-corte do fórum.

4 | Conímbriga, reconstituição parcial do fórum, vista desde o criptopórtico.

5 | Conímbriga, reconstituição parcial do fórum, vista de noroeste.



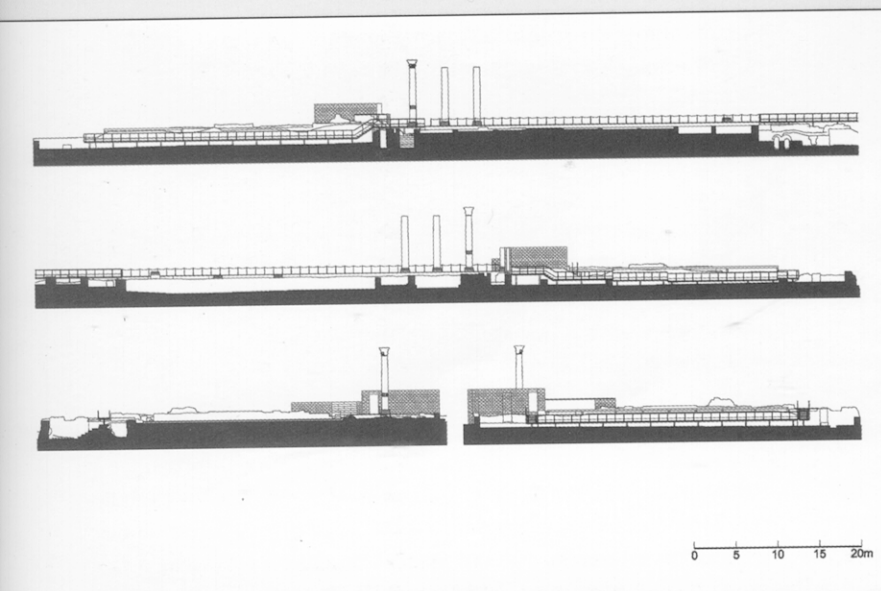
1

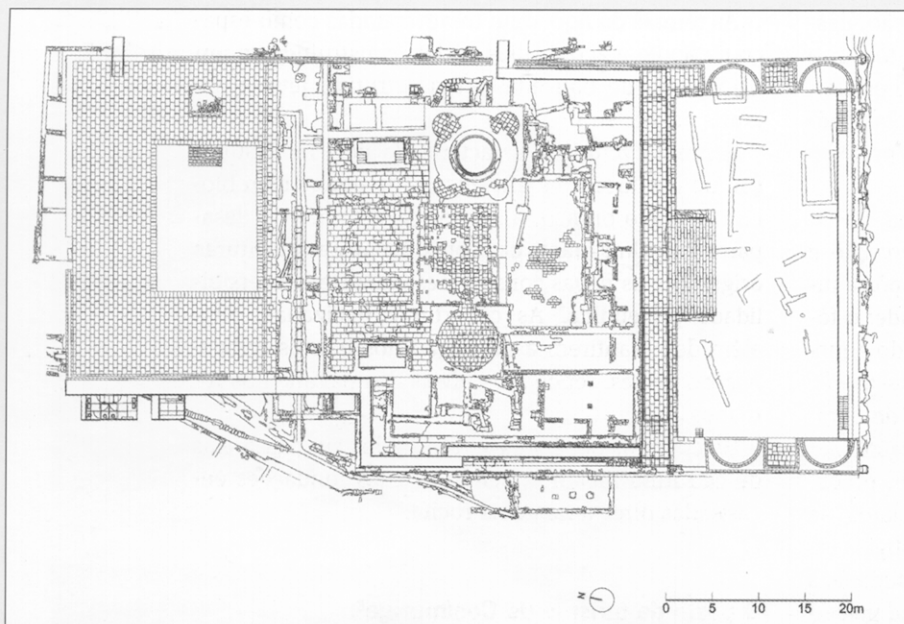


4

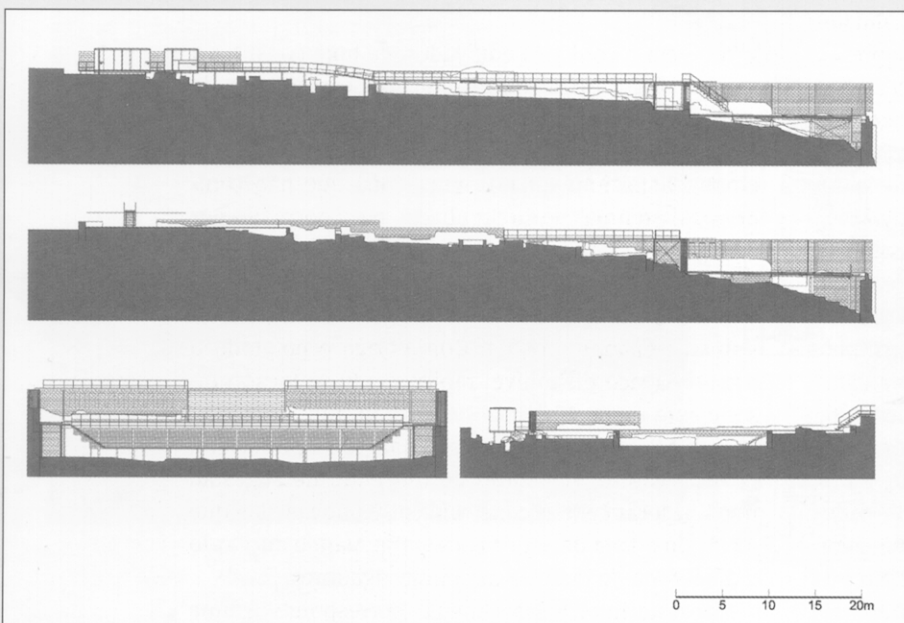


5





6



7



8



9



10

6 | Conimbriga, planta das termas a sul do fórum.

7 | Conimbriga, alçado-corte das termas a sul do fórum.

8 | Conimbriga, palestra das termas a sul do fórum, vista de nascente.

9 | Conimbriga, vista do fórum, a partir das termas a sul.

10 | Conimbriga, palestra das termas a sul do fórum, vista desde o pórtico de acesso.

ções de conservação necessárias. São excepção, neste período, a repavimentação da praça do fórum e a construção da cobertura da Casa dos Repuxos⁶, acções que o extinto Instituto Português do Património Cultural realizou no ano de 1986, com projecto de Luís Marreiros.

Em 1996, o Instituto Português de Museus (IPM) deu início a um novo *Programa de Conservação e Valorização das Ruínas de Conímbriga* e propôs a intervenção em três edifícios públicos da cidade: o fórum, as termas a sul do fórum e as termas do aqueduto. A DGEMN regressa a Conímbriga, desta vez assegurando a coordenação e a fiscalização da obra.

Este projecto, que se integra numa política de planeamento e gestão territorial mais alargada⁷, procurou responder a um programa e objectivos claros, de que salientamos: a preservação total dos vestígios escavados, o restauro mínimo e a fácil reversibilidade, a criação de meios de visita compatíveis com a preservação dos referidos vestígios e a adaptação dos novos espaços exteriores reconstituídos a funcionalidades diversas, nomeadamente espectáculos, com a presença discreta dos equipamentos de apoio necessários. Procurando reverter o rumo das intervenções dos Monumentos Nacionais, esta proposta pretendeu evitar a chamada *ruína artificial*, propondo uma leitura da ruína mais clara e objectiva, onde as reconstituições são perceptíveis e a reversibilidade garantida.

No fórum, a praça viu aumentada a sua superfície lageada, à cota superior, que correspondia a um passeio porticado; fora dos limites da área reconstituída, é possível observar os vestígios das *tabernae* e da basílica e cúria do fórum primitivo. No topo norte, por intermédio de uma passarela, o visitante é convidado a percorrer o espaço do criptopórtico flaviano e a visualizar o bairro indígena que coexistiu com o fórum de Augusto. Este bairro foi protegido por uma cobertura metálica, reconstituindo a superfície do *temenos* do fórum que determinou a sua destruição. Num dos ângulos da praça, com o intuito de fornecer um indicador da escala do monumento, decidiu-se levantar uma parte das estruturas desaparecidas. A nova plataforma reconstituída, sobrelevada, permite contemplar os vestígios dos dois templos sobrepostos.

Já nas termas a sul do fórum foram revitalizados os espaços exteriores que constituíam o *solarium* e a *palaestra*, mantendo-se o núcleo do bloco termal sem intervenção. No *solarium*, procedeu-se à repavimentação da área envolvente ao *natatio* e, enquadrados por um plano de parede reconstituído, foram instalados dois pequenos equipamentos de apoio, para bar e sanitários. O acesso à *palaestra* das termas flávio-trajânicas foi realizado através de uma passarela, que retoma o antigo passeio porticado existente. Sob o seu espaço de chegada, em varanda também porticada, localizou-se um bastidor de apoio a espectáculos. O plano do pavimento original da *palaestra* foi reconstituído através de uma cobertura que permite preservar e visitar o bairro indígena, que sob ela ficou soterrado, aquando da sua construção.

As termas do aqueduto foram tratadas como espaço de apoio a actividades várias, construindo-se um dispositivo de bancadas, com estrutura leve e de graus de madeira.

Esta intervenção é caracterizada pela reconstituição de pavimentos e alteamento de muros com blocos de betão branco, a sugerir as volumetrias desaparecidas. Uma manta de geotêxtil, entre as estruturas originais e as novas construções, garante a reversibilidade pretendida. As coberturas realizadas, para além de garantirem a protecção dos bairros indígenas existentes, repõem os níveis dos pavimentos romanos.

Os circuitos de visita são realizados em passarelas de estrutura metálica, sendo as suas fundações encastradas directamente na rocha.

O posto de turismo de Conímbriga⁸: antecedentes, projecto e obra

Também o conjunto edificado que hoje constitui o Museu Monográfico de Conímbriga é resultado de sucessivas ampliações e remodelações.

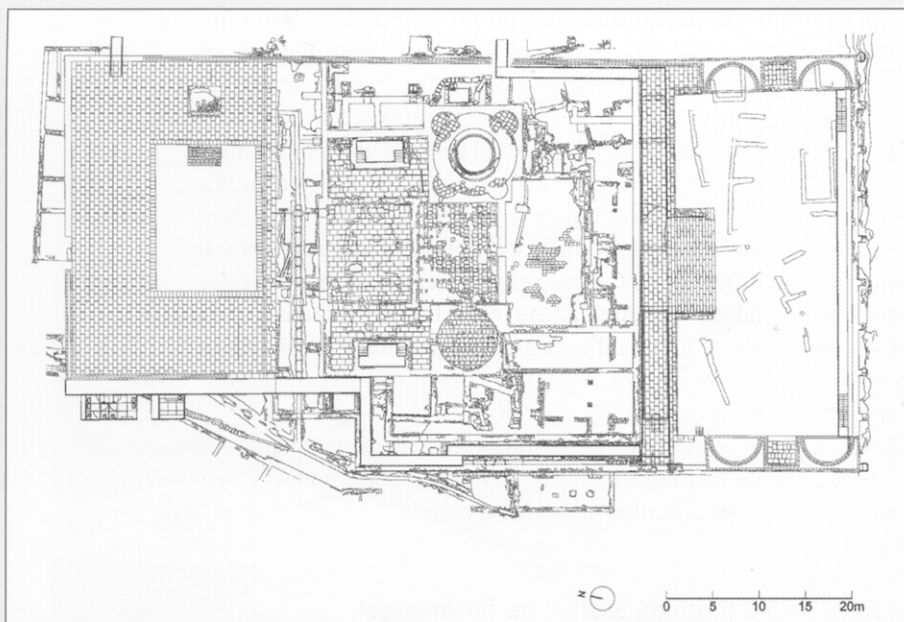
O edifício primitivo, projectado por Amoroso Lopes em 1959, foi implantado numa zona que não compromettesse uma futura ampliação e era formado por um único corpo, dividido em três zonas distintas.

Com o crescente aumento das campanhas de escavação e a necessidade de investigar e conservar os vestígios encontrados em Conímbriga e por todo o país, o espaço disponível rapidamente se tornou insuficiente e, em 1974, foi novamente um arquitecto da DGEMN, António Portugal, chamado a projectar a nova estrutura. Em torno de um pátio de sugestão romana foram então construídas três novas alas que ampliam a área de exposições e albergam o auditório e uma zona de quartos para investigadores.

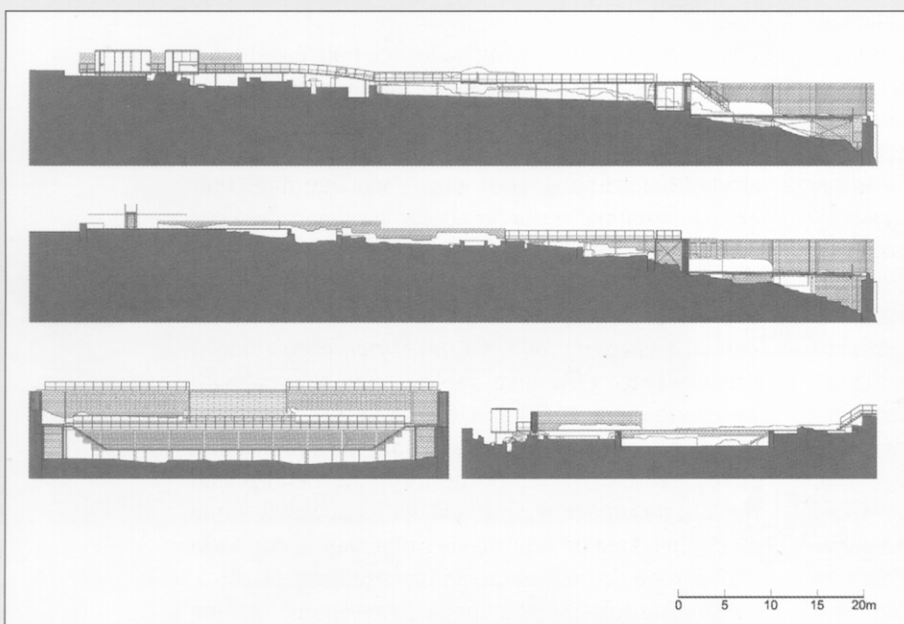
Mas esta intervenção apenas corresponde a uma primeira fase do programa de ampliação, dado que, após alguns anos de dificuldades e impasse na caracterização dos diversos espaços expositivos, foi Fernando Lanhas contratado para unificar o conjunto e projectar o espaço interior. O novo museu reabriu as portas, com a sua exposição permanente, em Abril de 1985.

A área exterior envolvente foi, na mesma altura, alvo de uma intervenção paisagista desenvolvida por Gonçalo Ribeiro Telles e Francisco Caldeira Cabral.

Em 1997, um protocolo entre o IPM e o Fundo do Turismo lançou um projecto para instalar um posto de turismo em Conímbriga. Esta nova estrutura, construída seis anos mais tarde, implantou-se no topo nordeste do pátio de recepção do museu e permitiu concentrar num só espaço a informação turística da região e uma segunda bilheteira, tendo como intenção criar um elemento neutro, que não interferisse com a linguagem arquitectónica existente. Duas paredes cegas definem o volume na sua relação com o exterior, sendo o espaço interior apenas perceptível



6



7

6 | Conímbriga, planta das termas a sul do fórum.

7 | Conímbriga, alçado-corte das termas a sul do fórum.

8 | Conímbriga, palestra das termas a sul do fórum, vista de nascente.

9 | Conímbriga, vista do fórum, a partir das termas a sul.

10 | Conímbriga, palestra das termas a sul do fórum, vista desde o pórtico de acesso.



9



8



10

ções de conservação necessárias. São excepção, neste período, a repavimentação da praça do fórum e a construção da cobertura da Casa dos Repuxos⁶, acções que o extinto Instituto Português do Património Cultural realizou no ano de 1986, com projecto de Luís Marreiros.

Em 1996, o Instituto Português de Museus (IPM) deu início a um novo *Programa de Conservação e Valorização das Ruínas de Conímbriga* e propôs a intervenção em três edifícios públicos da cidade: o fórum, as termas a sul do fórum e as termas do aqueduto. A DGEMN regressa a Conímbriga, desta vez assegurando a coordenação e a fiscalização da obra.

Este projecto, que se integra numa política de planeamento e gestão territorial mais alargada⁷, procurou responder a um programa e objectivos claros, de que salientamos: a preservação total dos vestígios escavados, o restauro mínimo e a fácil reversibilidade, a criação de meios de visita compatíveis com a preservação dos referidos vestígios e a adaptação dos novos espaços exteriores reconstituídos a funcionalidades diversas, nomeadamente espectáculos, com a presença discreta dos equipamentos de apoio necessários. Procurando reverter o rumo das intervenções dos Monumentos Nacionais, esta proposta pretendeu evitar a chamada *ruína artificial*, propondo uma leitura da ruína mais clara e objectiva, onde as reconstituições são perceptíveis e a reversibilidade garantida.

No fórum, a praça viu aumentada a sua superfície lageada, à cota superior, que correspondia a um passeio porticado; fora dos limites da área reconstituída, é possível observar os vestígios das *tabernae* e da basílica e cúria do fórum primitivo. No topo norte, por intermédio de uma passarela, o visitante é convidado a percorrer o espaço do criptopórtico flaviano e a visualizar o bairro indígena que coexistiu com o fórum de Augusto. Este bairro foi protegido por uma cobertura metálica, reconstituindo a superfície do *temenos* do fórum que determinou a sua destruição. Num dos ângulos da praça, com o intuito de fornecer um indicador da escala do monumento, decidiu-se levantar uma parte das estruturas desaparecidas. A nova plataforma reconstituída, sobrelevada, permite contemplar os vestígios dos dois templos sobrepostos.

Já nas termas a sul do fórum foram revitalizados os espaços exteriores que constituíam o *solarium* e a *palaestra*, mantendo-se o núcleo do bloco termal sem intervenção. No *solarium*, procedeu-se à repavimentação da área envolvente ao *natatio* e, enquadrados por um plano de parede reconstituído, foram instalados dois pequenos equipamentos de apoio, para bar e sanitários. O acesso à *palaestra* das termas flávio-trajánicas foi realizado através de uma passarela, que retoma o antigo passeio porticado existente. Sob o seu espaço de chegada, em varanda também porticada, localizou-se um bastidor de apoio a espectáculos. O plano do pavimento original da *palaestra* foi reconstituído através de uma cobertura que permite preservar e visitar o bairro indígena, que sob ela ficou soterrado, aquando da sua construção.

As termas do aqueduto foram tratadas como espaço de apoio a actividades várias, construindo-se um dispositivo de bancadas, com estrutura leve e de graus de madeira.

Esta intervenção é caracterizada pela reconstituição de pavimentos e alteamento de muros com blocos de betão branco, a sugerir as volumetrias desaparecidas. Uma manta de geotêxtil, entre as estruturas originais e as novas construções, garante a reversibilidade pretendida. As coberturas realizadas, para além de garantirem a protecção dos bairros indígenas existentes, repõem os níveis dos pavimentos romanos.

Os circuitos de visita são realizados em passarelas de estrutura metálica, sendo as suas fundações encastradas directamente na rocha.

O posto de turismo de Conímbriga⁸: antecedentes, projecto e obra

Também o conjunto edificado que hoje constitui o Museu Monográfico de Conímbriga é resultado de sucessivas ampliações e remodelações.

O edifício primitivo, projectado por Amoroso Lopes em 1959, foi implantado numa zona que não compromettesse uma futura ampliação e era formado por um único corpo, dividido em três zonas distintas.

Com o crescente aumento das campanhas de escavação e a necessidade de investigar e conservar os vestígios encontrados em Conímbriga e por todo o país, o espaço disponível rapidamente se tornou insuficiente e, em 1974, foi novamente um arquitecto da DGEMN, António Portugal, chamado a projectar a nova estrutura. Em torno de um pátio de sugestão romana foram então construídas três novas alas que ampliam a área de exposições e albergam o auditório e uma zona de quartos para investigadores.

Mas esta intervenção apenas corresponde a uma primeira fase do programa de ampliação, dado que, após alguns anos de dificuldades e impasse na caracterização dos diversos espaços expositivos, foi Fernando Lanhas contratado para unificar o conjunto e projectar o espaço interior. O novo museu reabriu as portas, com a sua exposição permanente, em Abril de 1985.

A área exterior envolvente foi, na mesma altura, alvo de uma intervenção paisagista desenvolvida por Gonçalo Ribeiro Telles e Francisco Caldeira Cabral.

Em 1997, um protocolo entre o IPM e o Fundo do Turismo lançou um projecto para instalar um posto de turismo em Conímbriga. Esta nova estrutura, construída seis anos mais tarde, implantou-se no topo nordeste do pátio de recepção do museu e permitiu concentrar num só espaço a informação turística da região e uma segunda bilheteira, tendo como intenção criar um elemento neutro, que não interferisse com a linguagem arquitectónica existente. Duas paredes cegas definem o volume na sua relação com o exterior, sendo o espaço interior apenas perceptível

ções de conservação necessárias. São excepção, neste período, a repavimentação da praça do fórum e a construção da cobertura da Casa dos Repuxos⁶, acções que o extinto Instituto Português do Património Cultural realizou no ano de 1986, com projecto de Luís Marreiros.

Em 1996, o Instituto Português de Museus (IPM) deu início a um novo *Programa de Conservação e Valorização das Ruínas de Conímbriga* e propôs a intervenção em três edifícios públicos da cidade: o fórum, as termas a sul do fórum e as termas do aqueduto. A DGEMN regressa a Conímbriga, desta vez assegurando a coordenação e a fiscalização da obra.

Este projecto, que se integra numa política de planeamento e gestão territorial mais alargada⁷, procurou responder a um programa e objectivos claros, de que salientamos: a preservação total dos vestígios escavados, o restauro mínimo e a fácil reversibilidade, a criação de meios de visita compatíveis com a preservação dos referidos vestígios e a adaptação dos novos espaços exteriores reconstituídos a funcionalidades diversas, nomeadamente espectáculos, com a presença discreta dos equipamentos de apoio necessários. Procurando reverter o rumo das intervenções dos Monumentos Nacionais, esta proposta pretendeu evitar a chamada *ruína artificial*, propondo uma leitura da ruína mais clara e objectiva, onde as reconstituições são perceptíveis e a reversibilidade garantida.

No fórum, a praça viu aumentada a sua superfície lageada, à cota superior, que correspondia a um passeio porticado; fora dos limites da área reconstituída, é possível observar os vestígios das *tabernae* e da basílica e cúria do fórum primitivo. No topo norte, por intermédio de uma passarela, o visitante é convidado a percorrer o espaço do criptopórtico flaviano e a visualizar o bairro indígena que coexistiu com o fórum de Augusto. Este bairro foi protegido por uma cobertura metálica, reconstituindo a superfície do *temenos* do fórum que determinou a sua destruição. Num dos ângulos da praça, com o intuito de fornecer um indicador da escala do monumento, decidiu-se levantar uma parte das estruturas desaparecidas. A nova plataforma reconstituída, sobrelevada, permite contemplar os vestígios dos dois templos sobrepostos.

Já nas termas a sul do fórum foram revitalizados os espaços exteriores que constituíam o *solarium* e a *palaestra*, mantendo-se o núcleo do bloco termal sem intervenção. No *solarium*, procedeu-se à repavimentação da área envolvente ao *natatio* e, enquadrados por um plano de parede reconstituído, foram instalados dois pequenos equipamentos de apoio, para bar e sanitários. O acesso à *palaestra* das termas flávio-trajânicas foi realizado através de uma passarela, que retoma o antigo passeio porticado existente. Sob o seu espaço de chegada, em varanda também porticada, localizou-se um bastidor de apoio a espectáculos. O plano do pavimento original da *palaestra* foi reconstituído através de uma cobertura que permite preservar e visitar o bairro indígena, que sob ela ficou soterrado, aquando da sua construção.

As termas do aqueduto foram tratadas como espaço de apoio a actividades várias, construindo-se um dispositivo de bancadas, com estrutura leve e de graus de madeira.

Esta intervenção é caracterizada pela reconstituição de pavimentos e alteamento de muros com blocos de betão branco, a sugerir as volumetrias desaparecidas. Uma manta de geotêxtil, entre as estruturas originais e as novas construções, garante a reversibilidade pretendida. As coberturas realizadas, para além de garantirem a protecção dos bairros indígenas existentes, repõem os níveis dos pavimentos romanos.

Os circuitos de visita são realizados em passarelas de estrutura metálica, sendo as suas fundações encastradas directamente na rocha.

O posto de turismo de Conímbriga⁸: antecedentes, projecto e obra

Também o conjunto edificado que hoje constitui o Museu Monográfico de Conímbriga é resultado de sucessivas ampliações e remodelações.

O edifício primitivo, projectado por Amoroso Lopes em 1959, foi implantado numa zona que não compromettesse uma futura ampliação e era formado por um único corpo, dividido em três zonas distintas.

Com o crescente aumento das campanhas de escavação e a necessidade de investigar e conservar os vestígios encontrados em Conímbriga e por todo o país, o espaço disponível rapidamente se tornou insuficiente e, em 1974, foi novamente um arquitecto da DGEMN, António Portugal, chamado a projectar a nova estrutura. Em torno de um pátio de sugestão romana foram então construídas três novas alas que ampliam a área de exposições e albergam o auditório e uma zona de quartos para investigadores.

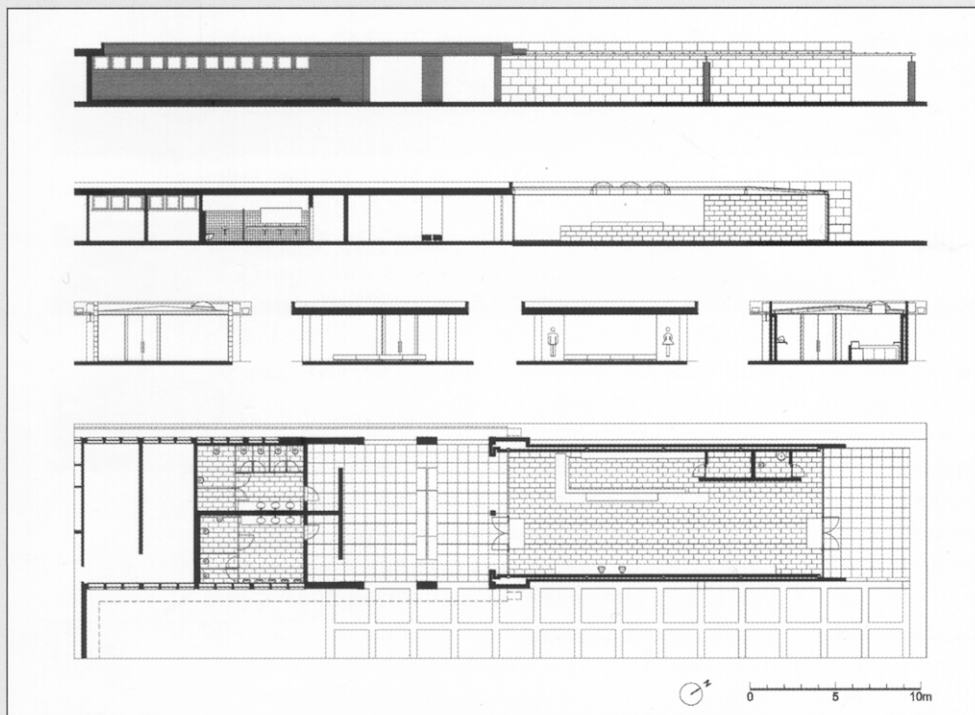
Mas esta intervenção apenas corresponde a uma primeira fase do programa de ampliação, dado que, após alguns anos de dificuldades e impasse na caracterização dos diversos espaços expositivos, foi Fernando Lanhas contratado para unificar o conjunto e projectar o espaço interior. O novo museu reabriu as portas, com a sua exposição permanente, em Abril de 1985.

A área exterior envolvente foi, na mesma altura, alvo de uma intervenção paisagista desenvolvida por Gonçalo Ribeiro Telles e Francisco Caldeira Cabral.

Em 1997, um protocolo entre o IPM e o Fundo do Turismo lançou um projecto para instalar um posto de turismo em Conímbriga. Esta nova estrutura, construída seis anos mais tarde, implantou-se no topo nordeste do pátio de recepção do museu e permitiu concentrar num só espaço a informação turística da região e uma segunda bilheteira, tendo como intenção criar um elemento neutro, que não interferisse com a linguagem arquitectónica existente. Duas paredes cegas definem o volume na sua relação com o exterior, sendo o espaço interior apenas perceptível



11

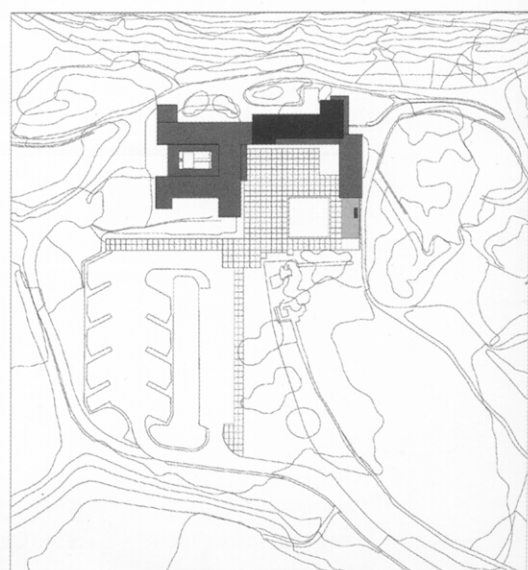


12

11 | Conímbriga, posto de turismo.

12 | Conímbriga, planta e cortes do posto de turismo.

13 | Conímbriga, planta de localização do posto de turismo; evolução das intervenções realizadas entre 1962 e 2004.



0 20 40 60 80 100m

■ - 1962
■ - 1985
■ - 2004

quando se atravessa a zona coberta que dá acesso às ruínas.

Construído em estrutura metálica, tem as suas paredes exteriores de tijolo revestidas a calcário e a cobertura em telha autoportante. No seu interior, com pavimento em mármore e paredes e tecto pintados, um balcão, um sanitário e um pequeno arrumo garantem o serviço prestado. Sobre o balcão, três entradas de luz marcam a passagem do dia e, à sua frente, uma prateleira de mármore constitui o suporte para os computadores destinados à consulta turística *on-line*.

Pedro Alarcão

Arquitecto

Docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Imagens: 1, 4, 5, 8 a 11: DGEMN. José Pedro

Aboim Borges. 2006; 2, 3, 6, 7, 12 e 13:

Cruz e Alarcão, Arquitectos, Lda.

FICHA TÉCNICA

CLIENTE: Instituto Português de Museus/Museu Monográfico de Conímbriga, Virgílio Correia (director)

ARQUITECTURA: Cruz & Alarcão – Arquitectos, Lda., José Carlos Cruz e Pedro Alarcão (autoria) e Miguel Melo e Miguel Santos (colaboração)

ESTRUTURAS E ABASTECIMENTO DE ÁGUAS E ESGOTOS:

MM – Trabalhos de Engenharia Civil, Lda., Óscar Vasconcelos (autoria) e Edite Simões (colaboração)

INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS: RMGO – Projectos Gestão e Instalações Especiais, Lda., Raimundo Oliveira

CONSTRUÇÃO CIVIL: BASCOL – Construção Civil, SA

DONO DA OBRA/FISCALIZAÇÃO: DGEMN/Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Centro, Carlos Amaral, Fernando Correia, Luís Ribeiro e António Roseiro

PROJECTO: 1995-1997

CONSTRUÇÃO: 2004-2006

NOTAS

¹ (...) Constam estas obras de trabalhos de escavação cuidadosa, restauro e reparação da muralha e entrada principal do 'oppidum'. Com as primeiras tem-se em vista desaterrar as ruínas d'esta estação arqueológica entre as quaes se tem descoberto grande quantidade de valiosos objectos, como moedas, vasos, etc. Com as segundas procura evitar-se o desmoronamento completo da muralha e entrada principal, que se encontram em adeantado estado de ruína (...). Arquivo da DGEMN, Obras de escavação e de conservação do 'Oppidum Romano de Conímbriga', Condeixa-a-Velha, Baltazar de CASTRO, 1933, fl. 65 (Cota: DSARH-UD-010-080-90).

² (...) As novas e recentíssimas escavações realizadas em Conímbriga contribuíram pois, com cabedal importante de novidades e documentos de interesse artístico e arqueológico, para o conhecimento da vida do mundo romano e provincial. Ao Governo Português, consubstanciado no seu ilustre presidente e ex-Ministro de Finanças, Doutor Oliveira Salazar, devemos o ter podido, em momentos conturbados do mundo, executar trabalhos de paz, como estes que representa a exumação da cidade morta de Conímbriga (...). Virgílio CORREIA — Conímbriga. Edição póstuma. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga, 1952, p. 14.

³ BOLETIM da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Ruínas de Conímbriga. Lisboa: DGEMN, (Jun./Set.) 1948, n.º 52-53, p. 17.

⁴ (...) A sua acção [de Bairrão Oleiro], que é deveras notável, é no entanto limitada à definição de determinados pormenores ou esclarecimentos de dúvidas subsistentes e de interesse arqueológico, mas sem que com isso se alterem os planos de valorização do conjunto arqueológico, cujo estudo, salvo esse ponto de vista, acompanha intimamente o decurso dos planos fixados pela Ex.ª Direcção-Geral os quais, mesmo sob o ponto de vista arqueológico mereceu da parte do Dr. Oleiro uma perfeita concordância, o que, de resto, tem sido amplamente referido (...). Arquivo da DGEMN-DREMC, Processo Administrativo das Ruínas de Conímbriga, 2.ª Pasta (1955-1959), 2.º Dossier (Nov.1957/Dez. 1959), Comunicação ao Arquitecto Chefe da Repartição Técnica da DGEMN, Luís Amoroso LOPES, 1958.

⁵ (...) Contra o que muita gente pensa, o que interessa numa escavação arqueológica não é descobrir muito, e sim descobrir bem, procurando encontrar no solo a resposta às perguntas e problemas que vão surgindo. Por que se fez assim? Como se fez? Quando se fez? Quem fez? (...). Arquivo da DGEMN-DREMC, Processo Administrativo das Ruínas de Conímbriga, 4.ª Pasta (1959-1961), 2.º Dossier (Jan. 1961/Dez. 1961), Relatório sobre a colaboração prestada ao Monumentos Nacionais em 1960, José Manuel Bairrão OLEIRO, p. 7.

⁶ A cobertura da Casa dos Repuxos, solicitada desde 1939, ano da sua descoberta e escavação, foi pioneira em Portugal. Responde aos anseios das sucessivas direcções do Museu Monográfico de Conímbriga, especialmente da sua última directora, Adília Alarcão.

⁷ Ver Adília Moutinho ALARCÃO; Virgílio Hipólito CORREIA — "Conímbriga: investigação, salvaguarda e apresentação. Programas e projectos". In Virgílio Hipólito CORREIA (ed. cient.) — *Perspectivas sobre Conímbriga*. Lisboa: Ancora Editora; Liga dos Amigos de Conímbriga, 2005, pp. 119-128. Ciclo de Conferências Conímbriga: O segundo século de investigação. Ensaio e prospectiva, que decorreram no Museu Nacional de Machado de Castro, de Janeiro a Junho de 2000.

⁸ Este texto cita livremente trechos do artigo dos autores do projecto: "Posto de turismo de Conímbriga", publicado na revista *Monumentos*. Lisboa: DGEMN, (Mar.) 2005, n.º 22, pp. 200-201.